

| | |
|---|-----|
| A cultura brasileira e sua interface com a cultura organizacional | 89 |
| O paternalismo na cultura organizacional | 89 |
| As etnografias de uma marcenaria e de um banco | 94 |
| A cultura organizacional local | 97 |
| Terceira parte | |
| AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS | 99 |
| A leitura da cultura através das representações sociais | 101 |
| No limbo de três ciências | 101 |
| O início das teorizações | 103 |
| A contribuição da Psicologia Social | 104 |
| As representações sociais no âmbito antropológico | 110 |
| As representações sociais sob um enfoque marxista | 117 |
| Mito e rito como representações sociais | 119 |
| A eterna discussão do individual <i>versus</i> o social | 126 |
| As representações sociais nas organizações | 131 |
| Falás, mitos e ritos organizacionais | 131 |
| As representações sobre a cultura organizacional em uma fábula | 137 |
| Quarta parte | |
| O FAZER ETNOGRÁFICO | |
| EA SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A ADMINISTRAÇÃO | 141 |
| Em busca dos imponderáveis da vida real | 143 |
| O método etnográfico | 143 |
| A etnografia das sociedades complexas | 154 |
| O passado auxiliando na compreensão do presente | 156 |
| As organizações e o método etnográfico | 159 |
| Desvendando valores e identidades organizacionais | 159 |
| Passando a acreditar que santo de casa faz milagres | 165 |
| REFERÊNCIAS | 167 |

Introdução

Nos meios empresariais constantemente ouve-se a expressão "Ah! Isto é um problema de cultura organizacional!". As dissonâncias, as resistências às mudanças, a má comunicação, os problemas em geral, costumam ser atrelados aos aspectos da cultura da empresa, ou organizacional para ser mais abrangente. Mas será que aquilo que é qualificado como "cultura organizacional" corresponde ao significado real da conceituação desenvolvida na Antropologia Social e transposta para o âmbito Administrativo? Será que os teóricos da Administração dominam a evolução das teorias antropológicas? Será que em se tratando das organizações brasileiras, existe uma noção clara sobre o contexto macrocultural onde as mesmas encontram-se inseridas? Será que os administradores dominam a importância das representações sociais como forma de se desnudar um universo cultural mediante a interpretação dos significados que elas revelam?

Alguns trabalhos de pesquisa e de consultoria parecem responder afirmativamente a essas indagações, outros, porém, mostram uma certa precariedade com relação à compreensão dessa interdisciplinaridade. Por que é importante aprofundar-se os estudos sobre cultura organizacional a ponto de incursionar-se pelos caminhos da Antropologia? «O homem sempre procurou as origens de tudo o que lhe diz respeito. E, através da interdisciplinaridade, da escavação do passado, da investigação acerca da etiologia das coisas, que ele consegue conhecer melhor a si próprio e aos seus semelhantes viabilizando um avançar que respeita o "Outro", entendendo a complexidade como um desafio, um incitamento para o pensar, como propôs Morin (s/d, p. 147):

É necessário reencontrar o caminho de um pensamento multidimensional que, evidentemente, integre e desenvolva formalização e quantificação, mas que não se fecha dentro delas. A realidade antropossocial é multidimensional; abrange sempre uma dimensão individual, uma dimensão social e uma dimensão biológica. O econômico, o psicológico, o demo-

Antropologia Social - Administração
 Maria Helena
 11/0

gráfico, que correspondem a categorias disciplinares especializadas, são outras tantas faces da mesma realidade, são aspectos que, evidentemente, é necessário distinguir e tratar como tais, mas não devem ser isolados e tornados não comunicantes. É isto a chamada para o pensamento multidimensional. É necessário, por fim e especialmente, encontrar o caminho de um pensamento dialógico.

Japiassu (1981, p. 81) advogou como necessário para que se consiga atingir um diálogo interdisciplinar:

[...] o interdisciplinar se apresenta como um princípio novo de reorganização epistemológica das disciplinas científicas e de reformulação das estruturas pedagógicas de seu ensino. Poderíamos dizer que ele corresponde a uma nova etapa do desenvolvimento do conhecimento científico e de sua repartição epistemológica. Ademais, exige que as disciplinas, em seu processo constante e desejável de interpenetração, fecundem-se cada vez mais reciprocamente. Para tanto, é imprescindível a complementaridade dos métodos, dos conceitos, das estruturas e dos axiomas sobre os quais se fundam as diversas práticas científicas. Diríamos que o objetivo utópico do interdisciplinar é a unidade do saber. Unidade problemática, sem dúvida. Mas que parece constituir a meta ideal de todo o saber que pretenda corresponder às exigências fundamentais do progresso humano. ✕

E acrescenta ainda: "(o interdisciplinar) [...] cultiva o desejo de enriquecimento por enfoques novos, o gosto pela combinação das perspectivas, e alimenta o gosto da ultrapassagem dos caminhos já batidos e dos saberes já adquiridos, instituídos e institucionalizados". ✕

Outro autor que também considera importante a interdisciplinaridade é Gusdorf (1985). Para ele, o cientista tem que extrapolar os limites do seu feudo de especialização, deve se questionar sempre, não assumir a postura de ter resposta para tudo, mas ao contrário, defender o questionamento constante como forma de crescimento e de avanço do conhecimento. Esse novo cientista seria um homem de diálogo, de sorte que estará sempre dialogando consigo mesmo e com os outros. O referido autor propõe um antídoto contra a especialização, ao defender o respeito a unidade do saber. Nas suas palavras: "[...] Trata-se, então, de abordar os problemas humanos na perspectiva, não da especialização, mas da unidade; e por conseguinte, será preciso igualmente, compensar a pedagogia da especialização por uma pedagogia da unidade" (Gusdorf, 1985, p.12).

E mais:

O especialista do tipo tradicional é caracterizado por uma restrição mental sistemática; ele se acantona no domínio estreito que escolheu, e esforça-se por acumular o maior número possível de informações. O fim é de totalizar o conjunto dos dados, o que corresponderia à perfeição do saber concernente à uma zona precisa e delimitada. Assim se desenvolve uma espécie de capitalismo epistemológico. Como o avarento reina sobre o seu ouro, o especialista julga-se rico dos conhecimentos que ele acumulou. Ciumento de seu tesouro, considera com desconfiança os seus confrades. (Gusdorf, 1985, p.16)

Gusdorf (s.d.), em outro trabalho intitulado "Reflexões sobre a interdisciplinaridade", afirma que a metáfora da ciência como um bolo de aniversário, onde todos repartem fraternalmente os seus saberes, conjugando cientistas de diversos países, não passa de mito, de poesia. A ciência encontra-se fragmentada em diversas ciências; o império do saber é, hoje, uma torre de Babel, cujos artesãos não se compreendem entre si, e se empenham, cada um, em destruir o que os outros fizeram. O especialista procura saber tudo sobre o seu feudo de conhecimento, no limite, chega a saber tudo sobre nada; desta forma, o especialista perde a capacidade de se situar no panorama do conhecimento, inviabilizando inclusive a compreensão sobre si mesmo.

No dizer de Gusdorf (s.d.), atualmente, reina um movimento de forças centrífugas que tende a desmembrar o saber. Por outro lado, também começa a ocorrer um movimento de forças centripetas, no sentido de reagrupar o conhecimento. Este último seria o movimento em prol da interdisciplinaridade. A pesquisa interdisciplinar não significa a soma de disciplinas próximas ou complementares, ela requer a constituição de novos pesquisadores que, em verdade, sejam especialistas na não especialização. Portanto, a interdisciplinaridade exige uma pesquisa acerca da pesquisa, não consiste em uma simples justaposição, uma pluralidade, evoca sim, um espaço comum, um fator de coesão entre os saberes, uma vontade comum, onde um pesquisador seja capaz de abrir mão de sua linguagem técnica e de seu domínio próprio em prol da aventura em um outro campo que não é exclusivamente seu. Isto implica uma abertura em termos de pensamento, uma curiosidade, exigindo uma conexão e uma solidariedade, o que acabará por tecer o conhecimento.

Assim, a questão interdisciplinar ultrapassa a problemática de uma lógica da ciência ou das ciências, ela representa uma forma contemporânea de inquietação metafísica.

É enfatizando esse pensamento dialógico que este livro procura abordar a evolução do conceito de cultura e as interfaces passíveis de serem estabelecidas entre os diferentes saberes.

Vale destacar ainda que cresce cada vez mais a necessidade de se buscar uma base mais descritiva na elucidação dos fenômenos culturais, de sorte que seja possível detectar-se perspectivas divergentes e interpretações alternativas visando a um repensar da realidade organizacional, à luz da sociedade onde estão inseridas as organizações objeto de estudo. É neste aspecto que emerge a contribuição significativa da Antropologia Social, disciplina na qual o homem é percebido como produtor e transformador da natureza, inserido dentro de uma sociedade e de um dado sistema de valores, sendo capaz de pensar o seu próprio pensamento. A ênfase desta ciência na visão de Kaplan e Manners (1981, p.15) recai sobre "[...] a explicação das semelhanças e diferenças culturais, de manutenção e da mudança cultural através do tempo".

Velho (1980) alerta para a inexistência de instituições estáveis, onde o consenso seja uma constante; o que se verifica é a presença de um equilíbrio instável e precário, não significando, contudo, a ausência de áreas de consenso e regras partilhadas que viabilizam a vida social, porém, a permanência no tempo e espaço de tais mecanismos deve ser constantemente revista.

Diante das afirmações supra-referenciadas é possível concluir-se que os aspectos sociais apesar de criarem o seu próprio plano social, em face da atmosfera da época e do clima do momento, mantêm com os demais fatos sociais algumas semelhanças.

Finalmente, cabe destacar que a Antropologia Social permite o desmoldamento do mundo social ao aprofundar o conhecimento do homem pelo homem.

Tanto isso é verdade que empresas, como a General Motors, a Arthur Andersen, a Intel, o Texas Commerce Bank, já descobriram que o trabalho, por não se resumir tão-somente a processos, mas sim envolver a presença do "Outro", ou seja, de diferentes grupos de pessoas que atuam na tribo empresarial, precisa ser melhor compreendido, de modo

que o antropólogo organizacional, através das pesquisas que realiza, contribui para que a empresa, analogamente a uma cor, passe a ser vista em seus diferentes tons (Kane, 1997).

Com vistas a alcançar o "Mundo do Outro", convido o leitor a percorrer as próximas páginas, onde será feito um passeio pelos meandros da Antropologia Social, buscando conhecer o contexto das diferentes Escolas Antropológicas. A seguir, será descortinada a evolução da temática cultura organizacional, para em seqüência dar-se um mergulho no universo sociocultural brasileiro, o que permitirá apreender-se as peculiaridades do mesmo, finalmente, procurar-se-á entender o espaço organizacional diante desta interface com a sociedade, bem como, num âmbito mais específico, serão privilegiados os estudos que contemplam a compreensão das representações sociais dentro do espectro societário e no âmbito organizacional. Portanto, a noção de cultura, a identidade brasileira e as representações sociais, tal como aparecem na Antropologia e na Administração isoladamente e também de modo inter-relacionado serão mapeadas neste livro.

Primeira Parte:

Cultura numa Perspectiva Antropológica e a Cultura Organizacional

De volta às origens

Neste capítulo, o leitor será conduzido pelos meandros da Antropologia. Conhecer o objeto de estudo desta ciência, bem como foram construídas as teorizações nas diferentes Escolas Antropológicas, constitui-se no objetivo principal a ser desenvolvido nas próximas páginas.

Palavras-chave: etnocentrismo, progresso humano, relativismo cultural, estrutura, solidariedade, conflito, significado, estruturas mentais.

Ao ler este capítulo do livro tenha em mente as seguintes questões:

- 1 Qual o objeto de estudo da Antropologia?
- 2 No que consiste a visão evolucionista?
- 3 Quais os postulados defendidos pelos evolucionistas contemporâneos?
- 4 Como a cultura é vista sob a ótica da Escola Americana?
- 5 Quais os pressupostos da Escola Inglesa?
- 6 Qual o pensamento que norteia a Escola Francesa?

A gênese das noções de cultura

Cumpramos esclarecer, inicialmente, para os administradores, o objeto e os limites da Antropologia como ciência. O vocábulo Antropologia possui dois radicais; anthropos que significa homem e logos que significa tratado, discurso. Sendo assim, a Antropologia consiste na ciência que estuda o homem de todos os tempos e tipos. Ao agregar-se o termo cultural ao vocábulo Antropologia dá-se mais um contorno a esse ramo de saber, na medida em que a cultura configura-se como o maior diferencial existente entre os homens e os demais animais do planeta.

De acordo com Lima e outros (1991), pode-se estabelecer diferenças entre a Antropologia Cultural e a Etnologia. A Antropologia Cultural compete estudar o homem em seu aspecto totalista e universal, estabele-

cultura

cendo as suas semelhanças e diferenças. Já a Etnologia consiste no estudo de diversos homens nos variados grupos, implicando uma visão pluralista e diversificada. Embora façam menção a essa diferença, os autores reconhecem uma certa tendência no uso dos dois termos como sinônimos. Por sua vez, os ingleses preferem a expressão Antropologia Social, que procura compreender os homens a partir das relações que os mesmos estabelecem entre si. No dizer de Lima e outros (1991, p. 29):

Esta escola, produto das correntes funcionalistas, diz que a cultura constitui um conjunto de objectos resultantes de condutas e que a simples necessidade de objectivação, concretização dessas mesmas condutas, faz nascer o objecto cultural. Verifica-se, então, que a Antropologia Social, não é mais do que uma Sociologia, ciência que se ocupa das relações entre os grupos humanos.

Lima e outros (1991) concluem o capítulo, referente ao traçado dessas diferenciações, dizendo que hoje costuma-se usar a expressão Antropologia Social como sinônima de Antropologia Cultural e Etnologia. Em suma, no momento em que os antropólogos voltaram-se para o estudo das sociedades complexas, na qual encontram-se inseridos, bem como passaram a associar o sócio ao cultural, as fronteiras dentro da própria Antropologia começaram a desaparecer.

Os autores procuraram relacionar os principais postulados presentes na atual Antropologia Social ou Cultural:

- O Homem é o único (senão dos únicos) animal ubíquo na Terra (está em toda a parte), com capacidade de adoptar, adaptar e modificar objectos, ideias, crenças ou costumes dos seus semelhantes vivos ou mortos;
- É dos seres da criação menos especializados;
- Não existem culturas superiores, mas culturas diferentes;
- Todos os grupos humanos possuem costumes próprios e tais costumes são respostas peculiares a problemas e necessidades humanas universais;
- A variedade das condutas humanas não é pautada por causas geneticamente herdadas, mas, sim, por modelos socioculturalmente aprendidos;
- Todas as sociedades possuem os seus quadros de referência e os seus padrões de comportamento específicos de tal ordem institucionalizados que qualquer membro da sociedade sabe perfeitamente quais as reacções que uma sua conduta suscita (expectativas de conduta);
- As culturas, embora formando sistemas abertos, os seus elementos e padrões constituem um tecido com uma textura e configuração bem es-

pecífica. Qualquer efeito produzido num dos padrões, terá, seguramente, conseqüências noutra padrão e no sistema cultural global;

- Os sistemas culturais são dinâmicos e nunca estáticos, embora existam graus de dinamismo entre os diversos sistemas espalhados pelo mundo;

- A experiência pessoal de cada um é função do sistema sociocultural que influencia os juízos e as valorações. Daí a tendência para pensarmos o outro ou os outros segundo parâmetros da nossa própria cultura;

- O grande drama da Antropologia é a objectividade, não só em nível da compreensão mas também da explicação da cultura do outro, pois nunca conseguimos ser o outro na sua totalidade. (Lima e outros, 1991, p. 34-35)

Feitas essas considerações iniciais, vale destacar que, assim como os administradores, ao trabalharem com o espaço organizacional, filiam-se a determinadas escolas buscando uma coerência teórica, os antropólogos também possuem as suas escolas que permitem a compreensão e a verificação do crescimento da disciplina ao longo do tempo. Julgou-se pertinente fazer um breve apanhado dessas teorias de modo a tornar claro para os administradores as diferentes correntes existentes, bem como as suas devidas contribuições. A justificativa para tal incursão encontra sustentação na medida em que tem se verificado, em textos administrativos, visões bastante simplistas sobre os pressupostos antropológicos, só para exemplificar, administradores que julgam que o antropólogo só fez e faz observação participante. Pensa-se que ao abrir o leque de opções para os administradores, estar-se-á colaborando com os mesmos no sentido de uma melhor adequação teórica em face do objeto pesquisado. A idéia é de aprofundar-se mais em um autor específico de cada escola; tal destaque deve-se ao fato de ser inviável, sob pena de se tornar cansativo para o leitor, mostrar todo o referencial disponível no campo antropológico.

O evolucionismo

O evolucionismo do século XIX

Os evolucionistas do final do século XIX, baseando-se em Darwin, defendiam a tese de que a sociedade humana passara pela mesma sucessão de estágios em toda a parte do mundo. No entanto, ao analisar-

